

# Entre o esgotamento e o devir

André Fogliano

**PELBART, P-P.**

**O avesso do niilismo:  
cartografias do esgotamento.**

São Paulo: N-1 Edições, p.345, 2013.



**Resumo:** *O avesso do niilismo* é um rigoroso diagnóstico dos afetos que o governo niilista da vida aciona. O objetivo do estudo é, a partir da relação entre niilismo e biopolítica, atualizar o sentido do conceito nietzschiano, inscrevendo-o no diagrama histórico contemporâneo. Pelbart parte do sintoma mais flagrante do presente – o esgotamento, a crise – para expressar o campo microfísico das forças ativas e reativas em jogo na composição social neoliberal. A cartografia é o método pelo qual é possível nuançar, por um lado, o funcionamento dos dispositivos de produção de valores e subjetividades capitalísticas, para, no movimento seguinte, revirá-los do avesso no ato de nomear as possibilidades de resistência que espocam mundo afora e criam formas outras de viver, produzir e pensar em comum.

**Palavras-chave:** niilismo; biopolítica; esgotamento; cartografia; resistência; produção de subjetividade.

**Abstract:** **Between becoming and exhausting.** This book is a rigorous diagnosis of the affections that the nihilist government of life sets up. The objective of this study is, departing from the relation between nihilism and biopolitics, update the sense of nietzschian concept, typing it in the contemporaneous historic diagram. Palbert starts from the most flagrant symptom in the present - the exhaustion, the crises - to express the microphysical field of the active and reactive forces in play in the neoliberal social composition. The cartography is the method by which is possible highlight, on one hand, the functioning of dispositifs that produces values and capitalism subjectivities, to, on the other hand, turn then upside down

in the act of naming resistance possibilities that popes around the world and create other ways of living, producing and thinking in common.

**Keywords:** nihilism; biopolitics; exhaustion; cartography; resistance; production of subjectivity.

Nada mais em sintonia à candente contemporaneidade do que o tema do niilismo. Disso trata o recente livro do filósofo Peter Pál Pelbart. *O Aveso do Niilismo: cartografias do esgotamento* (2013) (345 p.) foi publicado, em versão bilíngue<sup>1</sup>, pela N-1 edições, fruto de uma parceria entre editores de Brasil e Finlândia. Os ensaios reunidos são, em sua maioria, resultado de intervenções apresentadas por Pelbart ao longo das duas últimas décadas em seminários de filosofia, conversas sobre criação artística e debates políticos realizados no Brasil e no mundo, bem como artigos escritos exclusivamente para o adensamento da obra, dando um caráter indisciplinar à pesquisa.

Nesta multiplicidade de textos, o filósofo não mobiliza a noção cara à Nietzsche no marco de uma querela que supostamente desvelaria a essência subjacente ao conceito. Antes, o objetivo do autor é nomear adequadamente a energética niilista que agita cotidianamente as micro relações sociais e diagnosticar, por conseguinte, o campo das forças ativas e reativas em jogo. A ideia é problematizar e atualizar o niilismo no diagrama histórico contemporâneo, notadamente biopolítico, no qual o estado de esgotamento generalizado é o sintoma mais flagrante. A cartografia é o método pelo qual é possível seguir e nuançar os processos materiais e subjetivos, o *pathos*, da associação entre niilismo e biopolítica que se encontram dentro da constituição do maquinário capitalista neoliberal.

Para essa empreitada, Pelbart faz uma leitura cerrada da obra de Nietzsche e do pós-estruturalismo de Deleuze, Guattari e Foucault e os conecta com uma rede de intercessores que mistura o pensamento de Espinoza, Negri, Lazzarato, Simondon, Preciado, Stenger, James, Deligny, Viveiros de Castro, Agamben, até mesmo Heidegger, com a literatura de Becket, Melville, Kafka, Proust, Joyce, Dostoiévsky entre outros. Dessa conversação desdobram-se os conceitos mais inusitados, com suas personagens filosóficas correlatas, num mapeamento cuidadoso dos afetos que circulam pelo território político-econômico-subjetivo do presente.

O niilismo marca o tom e o ritmo dos quatro platôs que compõem o livro: nomeadamente, *Estados de Esgotamento*, *Perspectivas sobre o niilismo*, *Políticas de dessubjetivação*, *Modos de Existência*. Não são exatamente capítulos sequenciais, não há linearidade na obra. A temática se desdobra por saltos, rupturas, desvios. Cada artigo é um acontecimento, na acepção rigorosa do termo. Os ensaios problematizam

<sup>1</sup> A N-1 Edições publica suas obras sempre em versão bilíngue, em português e em inglês. Entretanto, os textos em inglês de *O avesso do niilismo* não são exatamente os mesmos em língua portuguesa. Na parte anglo-saxã estão incluídos artigos de livros anteriores, como *Vida capital* (2003), ainda inéditos em outros países. Além disso, alguns assuntos pertinentes aos leitores brasileiros são substituídos, dando preferência para temáticas relevantes aos leitores estrangeiros.

repetidamente a dinâmica niilista, mas sempre com uma linha de diferenciação, uma tonalidade afetiva nova, estendendo o sentido do conceito em várias direções, a depender das questões formuladas e das referências mobilizadas.

Pode alguém indagar, contudo, qual é a validade de recuperar um tema tão desbotado e europeu a partir da conjuntura sul-americana? Como não pensar, entretanto, em outro lugar senão este, os trópicos, e o Brasil particularmente, como o terreno onde se experimenta os efeitos niilísticos estalando em toda sua fervura? Não por acaso, o livro foi publicado logo após as Jornadas de Junho de 2013, quando a multidão brasileira rugiu alto contra os poderes constituídos da nação, inscrevendo o país no ciclo de lutas globais aberto pela Primavera Árabe e viralizado por todos os continentes, sem exceções, matéria abordada, inclusive, em dois textos da obra.

Tudo se passa como se os corpos vibrassem numa nova frequência, cuja onda Pelbart arrisca captar. Momentos de crise como este propiciam a abertura de um processo incontornável de mutação sensível, de recusa subjetiva e de afirmação ética, isto é, de criação de novos modos de existência. Esse contexto insinua uma metamorfose antropológica e exige do pensamento um estilo outro de nomear os encontros da vida. *O avesso do niilismo* enuncia, à sua maneira, essa angustiante condição, na qual oscilamos entre um estado de esgotamento quase irreversível do arranjo niilista e o desejo por uma forma de viver autônoma, democrática e alegre. Em termos conceituais, essa dinâmica é assim caracterizada: o embate entre os poderes sobre a vida – biopoder – e as potências da vida – biopotência.

Afinal, do que é que estamos tão esgotados, pergunta o autor? O que é que nossos corpos não mais suportam? Esse modo de existência, tão incensado nos dispositivos comunicativos, é o que vale a pena ser vivido? Como suportar essa condição e, ao mesmo tempo, inventar estratégias de cuidado dos outros e de si, tecer novas formas de comunidade, liberar a multiplicidade de forças que pede passagem? São interrogações recorrentes, ritornelos, que comparecem nos estudos de Pelbart, desde *Vertigem por um fio* (2000) e *Vida capital* (2003). Nestes ensaios, porém, em virtude do atual cenário de convulsão em todos os domínios da vida, sejam eles político, econômico, ecológico, subjetivo, teórico, essas problematizações são conduzidas ao extremo da catástrofe, testando hipóteses e operando conceitos que conectam a análise da vida contemporânea ao mais puro plano de criação filosófico.

Não aguentamos mais tudo aquilo que nos coage o corpo, por dentro e por fora. Mas o que constrange o que há de mais singular em nossa existência, o corpo? É, decididamente, a fusão da dinâmica niilista perpetrada pela tradição socrática-cristã e o rebaixamento e o monitoramento biopolítico da vida inscrito pelo advento dos liberalismos e seus coextensivos dispositivos e técnicas de intervenção em conjuntos populacionais e de produção de subjetividades.

Para Nietzsche, “o niilismo começa com um deslocamento do centro de gravidade da vida em direção a uma outra esfera que não ela mesma – o resto é consequência”

(PELBART, 2013, p. 94). O niilismo estabelece uma arte de governar na qual a pulsação da existência não reside nas relações que a constituem, mas é posto alhures, no além, no nada. Do homem crucificado à figura recente do homem endividado, Peter resume, é o mesmo processo de produção de valores: ora aposta-se as fichas no mundo das Ideias ou na imagem de Deus e seus avatares, ora deposita-se esperança no progresso, na ciência, no mercado e no consumo.

Seja na versão metafísica-religiosa ou na capitalista, a materialidade e exuberância dos corpos são amortizados por um mundo suprassensível de valores essenciais. A vida mesma é achatada por um composto de práticas e discursos axiomatizantes, cuja eficácia reside na capacidade de tornar valores e perspectivas determinados historicamente em verdades absolutas, naturalizadas e inelutáveis.

Num primeiro arco histórico, esse poder constituído expurga e reprime as paixões da carne, o desejo, as afecções – niilismo reativo. Na dobra conseguinte, ele mesmo produz, incita e suscita os afetos ao máximo, captura e mobiliza a energia vital humana, a libido, o inconsciente, modula nossa natureza maquínica, desenvolvendo toda sorte de tecnologias e fármaco-mercadorias que inscrevem o capital em níveis infinitesimais do corpo humano – niilismo ativo. Em tom irônico, Pelbart conclui, citando Preciado, que vivemos no regime farmacopornopolítico do niilismo atual (PELBART, 2013, p. 127).

O resultado desses dois processos, apenas em aparência paradoxais, é o mesmo: o empobrecimento da vida. Ser pobre tem um sentido específico. Não significa escassez de recursos materiais, ou qualquer concepção moralista, mas diminuição da potência de criação, separação da capacidade de ação, fechamento do devir da vida. O efeito disparado pelo niilismo biopolítico contemporâneo é a multiplicidade de modos de agir e se expressar codificada num único enunciado possível: o capitalístico. Nesse sentido, diz o filósofo, a biopolítica aparece como uma determinação social-histórica, afetivo-política, econômico-subjetiva do fluxo próprio do niilismo.

Não há o que lamentar nem o que temer, contudo – a pegada é absolutamente deleuziana, isto é, de um pessimismo alegre. Isso porque na vontade de poder do niilismo em se universalizar, em se alongar por todo o planeta, em unidimensionar o território, alisar toda a superfície terrena, no interior desse processo totalitário, justamente, produz-se a reviravolta inesperada “que consiste em devolver as forças elementares a elas mesmas no jogo bruto de todas as suas dimensões, de liberar esse nihil impensado numa contrapotência que é um jogo multidimensional” (Deleuze apud PELBART, 2013, p. 183).<sup>2</sup>

Em outras palavras: se o niilismo estrangula a vida, suga toda sua possibilidade de renovação, chega o instante inevitável de um acontecimento outro, do revide. A necessidade de invenção do novo se impõe, inescapavelmente, reatando com a crença no mundo. O que é preciso, segundo Pelbart, é acelerar o fluxo ativo do niilismo. Nesse ponto limite, passaremos para o lado avesso, para o lado de fora, desde o início, ali, fazendo pressão. Não se trata de revolver mas de revirar.

---

<sup>2</sup> Grifos do autor.

“Não estamos nós todos nesse ponto de sufocamento, que justamente por isso nos impele em uma outra direção?” (PELBART, 2013, p. 34). É como se fosse necessário um tal estado de sufocamento para que uma corrente de ar possa novamente fluir. Por essa razão, o esgotamento é ele mesmo o cartógrafo dessa complexa geografia afetiva. É ele quem anuncia, em gestos pusilânimes, modos de r(e)existência, não sem os riscos e os perigos que tal dinâmica implica, na qual as reterritoralizações mais perversas retornam. Exaurida a força do niilismo, afirma o pensador, os corpos são lançados para fora de si mesmos, balançados, impelidos a recompor as relações. Neste encontro com a alteridade, no nível do transindividual, vislumbra-se a possibilidade da formação de linhas diferenciantes, a instituição de novas paragens, de novos territórios existenciais: de um povo e de uma terra porvir.

Cabe uma ressalva, na linha do pensamento de Viveiros de Castro (2014). Pelbart segue uma tradição que investe na aceleração do processo. Um acontecimento se efetivaria no bojo da catástrofe eminente, recombinao as forças, como ressaltamos. Para Viveiros de Castro, contudo, há hoje uma barreira intransponível, dos limites físicos da Terra. O niilismo levado a seu termo traz a reboque alterações profundas das características termodinâmicas do planeta, cujos efeitos, e já sentimos alguns deles, imprimem drásticas consequências para a humanidade. O avesso do niilismo talvez coincida com o fim do humano enquanto espécie, ou, pelo menos, da própria ideia do humano enquanto espécie. Saturar o niilismo biopolítico esbarra nas bordas da Terra, pois é ela quem não suporta mais nosso modo de produção e organização da vida, num revide absoluto e inesperado da natureza contra a cultura.

Em todo o caso, na perspectiva conceitual assumida, o niilismo carrega na sua contra-face o elemento afirmativo. “É desta maneira que a ponta extrema do niilismo é o ponto em que ele se revira, onde o Não vira Sim” (PELBART, 2013, p. 147). Ainda que o niilismo opere como uma máquina de gerar afetos tristes, medo, solidão e, no extremo, morte<sup>3</sup>, a própria força ativa da vida insiste, diz o autor, acionando novas conexões do desejo, hibridizações e mestiçagens várias. É toda uma política das sobrevivências.

A imagem é a da fita de moebius, dada a reversibilidade do processo em jogo. Apesar da crescente vontade de rebaixamento, nivelamento e militarização da vida humana, agenciada em escala planetária, as resistências se multiplicam e criam à fórceps formas de subjetivação, de composição, de agir e de pensar em comum. O niilismo biopolítico restitui a energia multitudinária a ela mesma, o difícil é saber em que direção esse enxameamento será canalizado. Seja como for, uma cartografia coletiva está em andamento com o intuito de nomear as lutas inauditas e informes que o presente contexto suscita. Dada a urgência de tal tarefa, *O avesso do niilismo* é um acontecimento singular entre o esgotamento e o devir da vida, carregado do pólen de novos valores e afetos.

<sup>3</sup> A tanatopolítica do nazismo, no passado, e das periferias e favelas brasileiras, no presente, são exemplos paradigmáticos.

ANDRÉ FOGLIANO é pesquisador do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura (CENCIB) e doutorando no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica, ambos na PUC-SP.

andre.fogli@riseup.com

## Referências

VIVEIROS DE CASTRO, E.; DANOWISK, D. 2014. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Rio de Janeiro: Cultura e Barbárie, 2014.